Um olhar sob o Ciberativismo na Sociedade de Controle[1]

Camila Mendes Santana[2]
Faculdades Integradas Espírito Santenses - FAESA

Resumo

O trabalho se propõe a analisar criticamente as ferramentas utilizadas no ciberativismo assim como a sua própria natureza no contexto da Sociedade de Controle. Para tanto, são utilizados autores como Deleuze, Dênis de Moraes, Canclini, Trivinho, Bauman, entre outros. O objetivo do artigo é trazer a tona um olhar crítico a uma atividade crescente no meio da internet, afim de gerar posteriores reflexões a cerca do tema.

Palavras-chave

Ciberativismo; cidadania; Glocalização; Sociedade de Controle

O ativismo e a internet

As ações de ativismo *online* começaram a surgir num contexto recente de popularização da internet, que se deve principalmente ao advento da criação de uma estrutura pública, conhecida como *World Wide Web* – WWW. Tal acontecimento foi um dos principais responsáveis por possibilitar o desenvolvimento de ações em rede e transformar o usuário de internet em criador e difusor de conteúdo. Segundo Antoun (2008) essa comunicação distribuída passa a ser uma das maiores armas de luta contra grandes corporações e governos disciplinares. Sendo assim, os movimentos sociais começam a enxergar oportunidades de desenvolvimento em sua comunicação sem necessariamente depender de grandes empresas de mídia.

A internet se destaca ainda como um dos principais meios para entender a sociedade de hoje, a "sociedade de controle".

> Na sociedade de disciplina vivíamos transitando entre espaços fechados, submetidos a meios de confinamento, como a indústria, família, escola e o hospital. Hoje, na sociedade de controle, enxergamos a crise dessas instituições e vivemos num sistema mais aberto onde temos uma sensação de liberdade e autonomia. (DELEUZE, 1992, p.219-0)

1. Trabalho apresentado na Divisão Temática de Comunicação Multimídia, da Intercom Júnior – VI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

2 Récem Graduada do curso de Comunicação Social - Publicidade e Propaganda (FAESA 2010/2), email: ccaamilamendes@hotmail.com

Deleuze (2002) diz que não apenas somos sutilmente controlados, como também passamos a nos cobrar um auto-controle e uma auto-exigência para, a partir disso, nos adequarmos e nos sentirmos aceitos pela sociedade em que nos inserimos. Esta nos submete a critérios, avaliações e disciplina, podendo nos proporcionar um elevado nível de cobrança e insatisfação. Enquanto na sociedade de disciplina as produções de subjetividades eram submetidas aos moldes fixos de aprisionamento, como a escola; na sociedade de controle tudo parece tornar-se moldável.

Este cenário de maior independência dos movimentos sociais e políticos e de difusão de conteúdo por parte do próprio usuário parece promissor para o exercício da cidadania. No entanto, é preciso um olhar crítico para analisar as efetivas contribuições do ciberativismo. É necessário refletir não só sobre as pautas políticas utilizadas no ativismo, mas também sobre a natureza do meio e o acesso à internet.

Como dizer que a internet é um espaço público se a sua utilização pressupõe a aquisição de produtos (computadores e acessórios)? Se o próprio ato de se conectar é fornecido por empresas privadas e é necessário um conhecimento técnico do qual nem todos tem acesso?

O próprio conhecimento técnico, descoberta de blogs e websites que tratam o assunto do interesse do usuário pressupõem um aprendizado cultural para a utilização. Não se trata apenas de ter poder aquisitivo para comprar um computador, e sim do capital cultural que você possui e como o exerce. Sobre o aprendizado cultural, Featherstone enfatiza: “isso exige um investimento em capital cultural e simbólico durante toda a vida e em tempo investido na manutenção de atividades de consumo”. (1995, p.37).

Um cenário promissor para o exercício da cidadania pressupõe uma condição individual de participação no mundo e igualdade. Com base nessas afirmativas, será que é possível falar simultaneamente em exercício de cidadania e ciberativismo? Canclini diz:

> Pela imposição da concepção neoliberal da globalização, para a qual os direitos são desiguais, as novidades modernas aparecem para a maioria apenas como objetos de consumo, e para muitos apenas como espetáculo. O direito de ser cidadão, ou seja, de decidir como são

> produzidos, distribuídos e utilizados esses bens, se restringem novamente às elites. (CANCLINI, 1995, p. 30)

O que pode-se considerar é a desconstrução do cenário fantasioso de que a grande mobilização dos movimentos político-sociais deve residir na internet. Pode-se pensá-la como um início de formação de consciência política, espaço de discussão, reflexão e movimentação. E planejar a integração ao ciberespaço dessa grande massa que permanece privada do acesso à internet.

Os perigos da banalização das ferramentas de ciberativismo

Além da existência de uma grande massa privada do acesso à internet, o ciberativismo lida com outras problemáticas. Segundo Franzosi (2010) as informações acessadas pelos usuários que circulam no ciberespaço são possíveis de serem rastreadas, orientadas e direcionadas. "A rede é toda constituída por conexões estabelecidas por endereços numéricos, distribuídos conforme uma lógica hierárquica de computadores interligados'' (FRANZOSI. 2010, p.3). Ou seja, qualquer dado é facilmente descoberto por corporações e governos, além de poder ser reorientado ou redirecionado. O que pode prejudicar bastante uma ação ativista. É necessário então ter a consciência de que informações disponibilizadas podem ser utilizadas para desestabilizar um movimento.

Outro fator que é necessário ser levado em conta é a liquidez das idéias, movimentos e estrutura. Como já dito por Bauman (2001) a modernidade líquida em que se vive atualmente é caracterizada por uma falta de raízes, mudança constante de vontades, desejos e idéias, Não há nada sólido. Vivemos um momento de relações fluidas e sensações constantes de instabilidade provocadas por fatores relacionados ao momento em que vivemos. Muitas vezes não nos sentimos seguros em nossas relações afetivas, não conseguimos planejar a nossa vida muito facilmente e temos uma insegurança também no trabalho.

Portanto, deve-se estar atento para o exagero na disponibilização de dados, de forma a não gerar posicionamentos desalinhados por parte das ações ciberativistas. Isso pode gerar confusões e deslocar o foco central das questões a serem discutidas e refletidas. Podendo gerar um esvaziamento de crítica em relação às ações na internet.

> Nos últimos anos, as ONGs convenceram-se de que, em um mundo interdependente com economia globalizada e instantaneidade de fluxos eletrônicos, os agentes sociais devem interconectar-se. Problemas, conflitos, negociações e encaminhamentos adquirem proporções imprevistas, não raro planetárias, requerendo respostas de igual amplitude. (MORAES, 2008).

Outro ponto citado por Franzosi (2010) é que corporações, governos e outros interessados em desestabilizar uma ação, podem inserir dados deslocados propositalmente. De forma a pulverizar informações que não tem grande representatividade significativa e gerar distorções e confusões. E isso poderia vir a gerar uma problemática muito maior do que gerou a própria mobilização na internet.

O Ciberativismo e a Glocalização

O conceito de "glocal" pode ser entendido como a aproximação de uma esfera global a uma esfera local. Ou seja, “a partir de um meio de comunicação operando em tempo real cria-se um ambiente glocalizado, no qual o sujeito se vê imerso em um contexto simultaneamente local (o espaço físico do acesso, mas também o seu meio cultural) e global.” (CAZELOTO apud TRIVINHO. 2005, p.7).

A relação de ciberativismo e glocalização se dá, uma vez que, o espaço constituído para mobilizações é reapropriado por corporações, ressignificando o discurso utilizado. Com a glocalização, as organizações que surgem como grupos contra-hegemônicos, como os ambientalistas, militantes da causa LGBT, entre outros, acabam tendo o seu discurso absorvido pelo sistema.

A mídia, os governos e as corporações “reencantam” essas ações ambientalistas, de diversidade sexual, entre outros; em favor próprio e como novos nomes como: Desenvolvimento sustentável, responsabilidade social, etc. Esses termos são espetacularizados e correm o risco de perder a sua força e banalizarem. Entretanto, isso não significa que os movimentos e os ativistas perdem sua legitimidade. Mas, é necessário ter a consciência de que as “ciberações” acabam de uma forma ou de outra sendo reapropriadas pelo sistema.

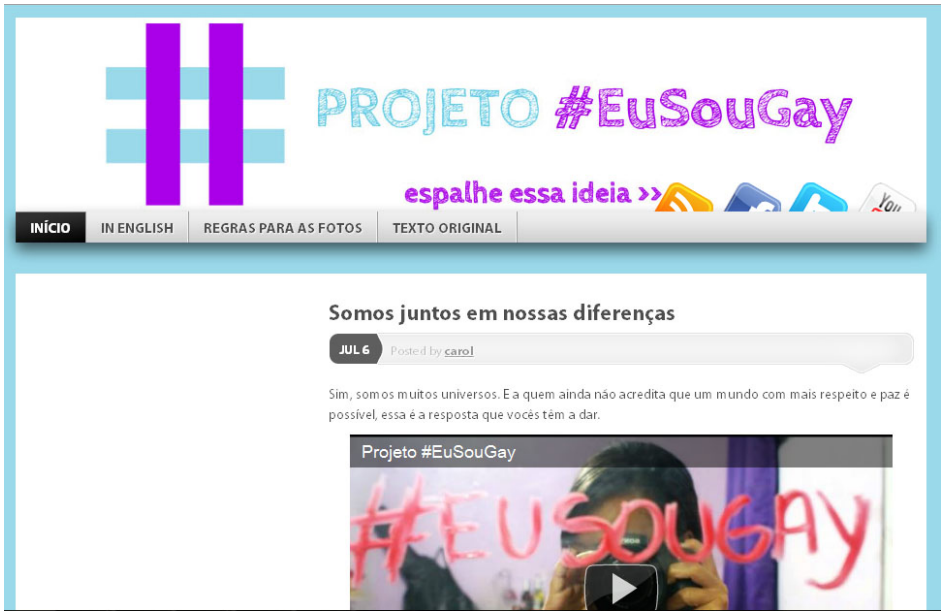
> A "glocalização" é responsável hoje não só pela determinação dos valores pessoais (como "bem e mal", "certo e errado"), mas também orienta os padrões de consumo, permitindo a penetração das corporações em mercados antes inacessíveis. (FRANZOSI apud TRIVINHO. 2010, p.5)

É comum deparar-se com diversos convites de mobilização para ações ativistas nas redes sociais, receber muitos e-mails com informações sem critério e chamados para participar de petições que desconhecemos a procedência. Tudo isso pode vir a dificultar o discernimento de ações legítimas e reais das não pertinentes.

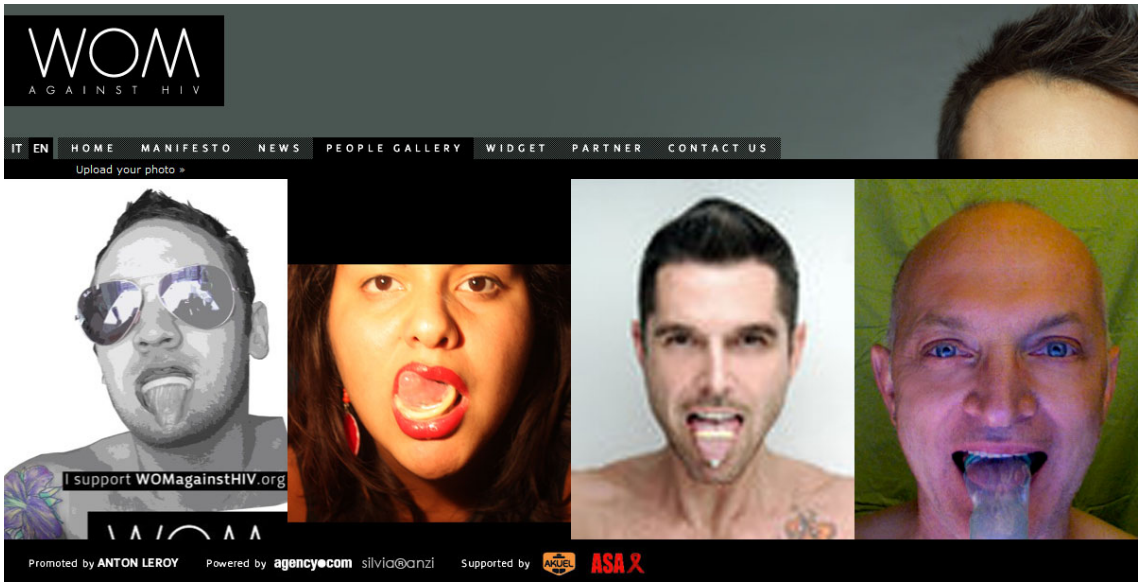
Seguem exemplos do uso de ferramentas de ciberativismo, massivamente utilizadas por grandes organizações, e que, se mal utilizadas podem se tornar armadilhas e prejudicar as mobilizações dos movimentos:

Em seu website, o *Greenpeace* estimula a ação dos usuários como ciberativistas através da assinatura de petições, réplica de notícias, entre outros.

A ONG SOS Florestas que está aliada a diversas outras organizações também usa estratégias de mobilização como petições, participação de campanhas em redes sociais e compartilhamento de informações.



O projeto *#EuSouGay* também utiliza a premissa do compartilhamento de idéias na rede como forma de mobilização e quebra de preconceitos. A campanha se baseia no envio massivo de fotos pessoais dos usuários sustentando a mensagem "Eu Sou Gay" nas imagens. Após tirar sua própria foto, o ativista deve compartilhá-la e espalhar a idéia do mote da campanha no *Facebook*, *Twitter*, *Blogs*, *Youtube*. E assim, atingir outros usuários para que estes também prossigam com as ações.



O projeto WOM against HIV também tem a sua principal ação baseada no envio de fotos dos ativistas com camisinhas na língua. O compartilhamento massivo das fotos visa mostrar o apoio à luta contra o HIV através da utilização da camisinha e sustenta o argumento de que não se deve ter vergonha de usá-la e falar sobre ela.

Com esses exemplos, pode-se constatar que cada vez mais as organizações utilizam a ferramenta de espalhar idéias para alcançar mais pessoas e mobilizar. Todavia, Franzosi (2010) diz que a problemática surge quando o ativismo se reduz ao espaço virtual. A internet se torna uma forma "segura" de se manifestar. As pessoas se sentem imunes a uma série de variáveis que poderiam incomodá-las ou colocar a sua integridade em risco nos espaços urbanos.

Considerações Finais

É importante dizer que o objetivo deste trabalho não foi tirar a legitimidade e importância da internet para o ativismo. A proposta foi de oferecer um olhar crítico acerca da idéia que se tem sobre a capacidade de mobilização *online* e refletir sobre as possibilidades de utilização de ferramentas e as consequências que o uso indiscriminado delas pode ter.

Para que não ocorra a banalização do bem, ou seja, uma atitude superficial que demonstra boas intenções mas que acaba por não transmitir um real comprometimento com a causa, é necessário criticar e refletir sobre ações. De acordo com Baudrillard (2007) deve-se reestabelecer o hipotético reino do bem:

> Entramos, assim, em um antagonismo insolúvel entre o bem e o mal, no qual – sob o risco de sermos maniqueístas e de contradizermos todo o nosso humanismo – não há reconciliação possível. É preciso aceitar essa regra do jogo que, se não é um consolo, me parece mais lúcida que pensar em fazer um dia a unidade do mundo, reestabelecer o hipotético reino do bem. É precisamente quando se quer atingir esse bem total que o mal transparece. Por mais paradoxal que seja, não é através dos direitos do homem que se processa hoje, e em nível planetário, a pior das discriminações? Portanto, a busca do bem tem efeitos perversos, e esses efeitos perversos estão sempre do lado do mal. Mas falar em mal não significa condená-lo: de certo modo, o mal é o fatal – e uma fatalidade pode ser feliz ou infeliz. (BAUDRILLARD, 2007, P. 32-33).

Pode-se dizer então que o caminho para fugir dos efeitos perversos da busca do bem é refletir e olhar criticamente para as nossas ações. Parece óbvio dizer que o mundo está mudando muito e que é difícil entendê-lo. Entretanto, não parece tão simples a mudança de alguns dos nossos conceitos, ações e reflexões.

REFERÊNCIAS

ANTOUN, Henrique. De uma tela a outra: a explosão do comum e o surgimento da vigilância participativa. In: ANTOUN, Henrique (Org). Web 2.0: Participação e vigilância na era da comunicação distruibuída. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.

BAUDRILLARD, Jean. Senhas. Rio de Janeiro: DIFEL, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001.

CANCLINI, Nestor Garcia. Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

CAZELOTO, Edilson. Glocal: Elementos para uma crítica do modo mediático de reprodução do capitalismo tardio. Universidade Federal da Bahia, 2005.

DELEUZE, Gilles. Conversações. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

FEATHERSTONE, Mike. Cultura de consumo e pós-modernismo. São Paulo: Studio Nobel, 1995

FRANZOSI, André. O ciberativismo, o excesso e o revés de esvaziamento de mobilização na sociedade de controle. Abciber, 2010.

MORAES, Dênis de. O ativismo digital. Biblioteca online de ciências da comunicação da Universidade Federal Fluminense, 2001.

Sites Pesquisados:

GREENPEACE BRASIL. Ciberativismo. **Greenpeace**. Disponível em: <http:/www.greenpeace.org.br/> Acesso em: 12 de julho de 2011.

SOS FLORESTAS – O código florestal em perigo. Disponível em: http://www.sosflorestas.com.br/>. Acesso em: 12 de julho de 2011.

WOM Against HIV. Disponível em: < http://www.womagainsthiv.org/>. Acesso em: 12 de julho de 2011.

#Projeto Eu sou Gay. Disponível em: < http://www. ***projetoeusougay***.*wordpress.com/*>. Acesso em: 12 de julho de 2011.